

DOM HELDER EM PUEBLA:

garantir a autêntica tradição profético-espiritual latino-americana

*Pe. Ivanir Antonio Rampon**

A Igreja de Cristo que se acha na América Latina, ao tentar aplicar ao nosso Continente as conclusões do abençoado Concílio Ecumênico Vaticano II, adotou claros e indiscutíveis compromissos em assumir a defesa dos Pobres. E em Medellín, e em Puebla, a Igreja não fala apenas em termos de ajudas, mas em termos de mudança pacífica, mas decidida e corajosa das estruturas injustas que esmagam mais de 2/3 do Continente, como esmagam mais de 2/3 da Humanidade.

Dom Helder Camara

A denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre causaram-lhe, em não poucos casos, perseguições e vexames de vários tipos: os próprios pobres têm sido as primeiras vítimas de tais vexames.

Puebla 1137ss

O objetivo deste escrito é fazer uma breve narração-comentada da participação do Servo de Deus e dos Pobres, Dom Helder Camara, em Puebla. Para tal, utilizo-me de textos já escritos e depoimentos orais, inclusive de pessoas que estiveram envolvidos na preparação, efetivação e conclusão do evento. A partir da participação helderiana em Puebla extraímos ensinamentos espirituais atuais para a nossa vida de agentes de pastoral, para a atuação das comunidades eclesiais e para promover uma sociedade justa e fraterna¹.

* Doctorem in Sacra Theologia cum specializatione in Spiritualitate, Pontificia Universitas Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia, Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG. Graduado em Teologia pela Itepa Faculdades. Graduado em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo, RS. Leciona Fundamentos de Espiritualidade; Teologia da Espiritualidade; Teologia da Graça.

1 Este texto é uma reelaboração das páginas 463-472 do livro *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*.

1 Puebla – para comemorar a importância de Medellín

No final da década de 40, como Assistente Eclesiástico da Ação Católica Brasileira, o Pe. Helder Camara – juntamente com os jovens da Ação Católica Operária (ACO) – percebia que a missão da Igreja, no Brasil, estava bastante fragmentada. Ele sonhava com a Igreja mais unida e comprometida com a busca da resolução dos problemas sociais seculares do Brasil, como por exemplo, a desigualdade social, a injusta distribuição da terra e a pobreza. Ele ia mais longe, e almejava uma maior unidade, em vista da missão, de toda a Igreja no continente latino-americano. Porém, devido às distâncias e as dificuldades de transportes e de recursos econômicos, mas também por causa de concepções eclesiológicas um tanto monárquicas, cada bispo atuava na sua diocese, em relação direta com Roma. Dom Helder sonhava com a colegialidade episcopal, sob a presidência do Papa, princípio, garantidor e fecho da unidade.

Em 1950, quando Monsenhor Helder participou do Congresso Mundial para o Apostolado Leigo em Roma, marcou uma conversa com o subsecretário de Pio XII, Pe. João Batista Maria Montini e lhe apresentou dezoito teses para a ação pastoral da Igreja no Brasil. Ao final das teses, escrevia que elas seriam impraticáveis sem uma conferência nacional de bispos. Helder e Montini logo se entenderam... Montini se comprometeu em trabalhar para que isto tudo se efetivasse. Deste o primeiro encontro, entre eles nasceu uma amizade espiritual que produziu e continua produzindo muitos frutos na Igreja². De fato, logo depois, o Monsenhor Helder contou, inclusive, com o apoio de Pio XII, e a conferência foi criada em 1952, sendo Dom Helder Camara seu primeiro secretário nacional. Pouco antes da fundação da CNBB, o Venerável Pio

2 Ivanir Antonio RAMPON, *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*; Ivanir Antonio RAMPON, “São Paulo VI: breve biografia do Papa que tinha particular sensibilidade para com o América Latina”, *Bertheriano* 120 (2018) 22-24.

XII escolheu Helder para o Episcopado, nomeando-o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro.

Em 1954, atendendo ao pedido de Dom Helder, de outros bispos e, também devido à experiência positiva da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Montini pediu que como fruto maduro do 37º Congresso Eucarístico Nacional que aconteceria, em 1955, no Rio de Janeiro, fosse criada a Conferência Episcopal Latino-Americana. A 1ª Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) aconteceu de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, no Rio de Janeiro. Por ocasião do Vaticano II, convocado por São João XXIII, a América Latina era o único continente que contava com uma conferência episcopal. No Concílio, a ideia de Dom Helder e dos jovens da ACO, ou seja, a colegialidade episcopal, tornou-se uma doutrina aprovada pelo Concílio reunido em torno do Papa, sob a inspiração do Espírito Santo. E o Papa era Montini, agora, Paulo VI!

A 2ª Assembleia do Celam também foi um pedido de Dom Helder Camara ao seu amigo o Papa Paulo VI. A Conferência aconteceu na cidade de Medellín, Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968 e o seu objetivo foi o de “aplicar o Vaticano II” na realidade latino-americana. A abertura da Conferência foi efetivada pelo próprio Paulo VI, ocasião em que pela primeira vez um Papa pisava em solo latino-americano.

Na Assembleia de Medellín, tendo presente as orientações do Vaticano II, os Bispos partiram dos “sinais dos tempos”. Deste modo, o tema básico foi a pobreza. Medellín, sem medo, usou a palavra “justiça”, tão cara para Dom Helder. Ora, quem usava esse termo, geralmente, era tachado de extremista e comunista. Mas os Bispos foram mais longe e usaram a palavra “libertação”.

Segundo o Cardeal Dom Aloisio Lorscheider, de saudosa

memória, a palavra chave de Medellín foi “libertação”. Na Conferência, a teologia do desenvolvimento e da promoção humana cedeu lugar à teologia e pastoral da libertação. Descobriu-se o *submundo dos pobres*, dos países pobres, que é a maioria da humanidade, e pobres devido à situação de dependência opressora, geradora de injustiças. Impõem-se, com a conversão das estruturas internas humanas, as mudanças estruturais da sociedade³.

A palavra “libertação” – e com ela o Documento de Medellín – provocou uma reação de horror em certos ambientes políticos e eclesiais, ligados ao integralismo, ao autoritarismo das ditaduras e ao imperialismo dos Estados Unidos. Por outro lado, a recepção de Medellín foi muito positiva nos ambientes pastorais comprometidos com a transformação social, possibilitando uma releitura da História da Igreja no continente e criando esperanças de um futuro de justiça, libertação e paz⁴. Em seu pastoreio na Arquidiocese de Olinda e Recife e em suas peregrinações pelo mundo pregando a violência dos pacíficos, Dom Helder embasava-se, constantemente, no Vaticano II e em Medellín. Até morrer, o Servo de Deus e dos Pobres, quis “salvar Medellín”.

São Paulo VI apoiou e incentivou a aplicação de Medellín. Neste sentido, ele queria que houvesse uma grande comemoração em todo o Continente por ocasião do décimo aniversário. E dentro desta celebração, acontecer a 3ª Assembleia do Celam. A mesma deveria realizar-se em 1978, na cidade de Puebla, México. Porém, antes do evento, São Paulo VI veio a falecer. Foi eleito como seu sucessor, o Venerável João Paulo I. Mas este, depois de 33 dias de pontificado, também faleceu. Devido a estes acontecimentos, o novo Papa, São João Paulo II, resolveu adiar o evento para 1979.

3 Aloísio LORSCHIEDER, “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in *DOCUMENTOS DO CELAM*, 7-13.

4 Ivanir Antonio RAMPON, O caminho espiritual de Dom Helder Camara, p. 459-463.

2 Puebla – evidencia conflitos e alianças da e na Igreja

A 3ª Assembleia do Celam aconteceu em Puebla, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. O Servo de Deus Dom Helder, um dos representantes do Episcopado brasileiro, estava entre os mais venerados participantes do evento⁵.

Diferente da Assembleia de Medellín, em Puebla havia algo estranho, um desconforto, um constante clima de tensão: de um lado forças que queriam corrigir a chamada “leitura marxista de Medellín” e, de outro, a comoção popular das comunidades, pastorais, teólogos e bispos que queriam impedir “a estratégia dos poderosos de desfazer Medellín”. Como descreveremos, a participação de Dom Helder foi de fundamental importância no sentido de garantir a autêntica tradição profético-espiritual latino-americana, ou seja, aprofundar Medellín em Puebla⁶.

A grande tensão existente se dava porque grupos conservadores tentavam boicotar o processo pastoral desencadeado, principalmente, com Medellín. É que, entre 1968-1979, setores significativos da Igreja na América Latina tomaram posição, comprometendo-se profeticamente, ao lado do povo⁷. Este compromisso questionou a função alienante que a Igreja desempenhou diante da injustiça social⁸, ou seja, mostrou que, presa ao poder, muitas vezes, a hierarquia deu legitimação religiosa aos opressores, aos ricos, tranquilizando as suas consciências no apelo às obras caritativas.

Estes setores também evidenciaram que houve e que havia guias espirituais, como Dom Helder, que ofereciam aos pobres

5 Dom Orlando DOTTI, Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, 10.12.2018.

6 Nelson PILETTI – Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 432-433.

7 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 92-93.96.

8 Cleto CALIMANN, “A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos”, in *ESTUDOS DA CNBB, Leigos e participação na Igreja*, p. 28-30.

não simplesmente a “caridade”, mas o Evangelho, que é um dinamismo libertador, uma vez que denuncia a idolatria e as injustiças estabelecidas e, desperta a esperança, chamando a uma renovada responsabilidade frente ao Deus da história. Neste contexto já era famosa a frase do Servo de Deus e dos Pobres: “Quando ajudo os pobres me chamam de santo, caridoso. Mas quando pergunto por que os pobres são pobres me chamam de comunista!”

No dizer do teólogo Ronaldo Muñoz, o Vaticano II e Medellín fizeram a Igreja na América Latina rever suas alianças. Enquanto era aliada do poder conservador oferecia “ajudas” aos pobres. Porém, quando Pastores assumiram as dores e as alegrias dos pobres, emergiram conflitos com o poder conservador. Para as comunidades eclesiais, o apoio *institucional* dos Pastores serviu de estímulo para seguir a Causa de Jesus Cristo, o libertador dos oprimidos; a Instituição, por sua vez, ganhou mais autenticidade evangélica. O paradoxo, portanto, se deu no fato de que os pobres evangelizaram a grande Instituição, enquanto os ricos e os poderosos, a utilizaram como meio ideológico para manter a injustiça estrutural, ornamentando-a com certo “poder sagrado”⁹.

Neste contexto sócio eclesial, o pensamento de Bispos, como Dom Helder Camara, se propagava cada vez mais, apesar das censuras dos governos ditatoriais e de seus aliados. A Igreja, nas palavras e nos gestos proféticos, crescia na compreensão de que a sua missão não era a de ser sustentadora da “autoridade” e da “ordem”, mas sacramento do Reino de Deus, voz que clama pela justiça e pela libertação dos oprimidos¹⁰. Isto causava atitudes de horror aos opressores e seus ideólogos. Por isso, queriam “desfazer Medellín”¹¹, ou seja, condenar a Teologia da

9 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 138-140.

10 CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n° 5; 13; 36

11 José COMBLIN, *Os Santos Pais da América Latina*, *Concilium* 333 (2009) p. 629.

Libertação, desestimular as Comunidades Eclesiais de Base, inutilizar a Conferência Latino-Americana dos Religiosos e atacar a participação de sacerdotes, religiosos e comunidades na “política”, ou seja, no compromisso com a justiça social.

O clima de tensão se evidenciava de muitas maneiras. Uma delas, era o grande descontentamento com o processo de preparação da Assembleia. De fato, antes do evento, foi enviado, pela Secretaria Geral do Celam, um *Documento de Consulta* a todas as Conferências Episcopais do Continente. O mesmo foi severamente criticado, pois os Bispos não aceitaram o duro tratamento dado às Comunidades Eclesiais de Base e à Teologia da Libertação e consideraram que as opções fundamentais da Igreja na América Latina não estavam representadas¹². A coordenação então, refez o texto, recebendo este, o título de *Documento de Trabalho*. Porém, na Sessão de Abertura, este também foi recusado pelos Bispos. Diante da situação, o Servo de Deus, Dom Luciano Mendes de Almeida, tentou “arrumar” o texto. Passou a noite inteira “arrumando” e, no dia seguinte, apresentou propostas de trabalho¹³.

Outro motivo da tensão – ainda maior do que o primeiro – estava relacionada com a insatisfação de muitos Bispos que não puderam levar seus assessores teológicos à Conferência uma vez que a Secretaria Geral do Celam, estrategicamente, pediu que Roma nomeasse os peritos. Era uma forma de impedir que Puebla fosse além de Medellín. Como afirmou o teólogo João Batista Libanio, os assessores teológicos escolhidos pela Secretaria Geral tinham uma visão teológica mais tradicional, nada significativos da prática teológica latino-americana. Antes, eram aqueles que se opunham a ela. Isto se refletirá no texto de Puebla: bastante superior na parte social que na doutrinal-

12 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 55-79.

13 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, *Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido*, p. 265-266.

teológica: “esta constitui seu ponto mais fraco e desinteressante, por sua monotonia, falta de criatividade, repetição dos ensinamentos formulados de modo muito melhor em outros documentos da Igreja bem anteriores”¹⁴.

A ausência dos teólogos mais representativos da América Latina aumentava as preocupações, uma vez que os Bispos estavam acostumados a estimar e trabalhar com os seus teólogos e estes foram excluídos. Segundo Libanio, “o melhor da teologia latino-americana, na pessoa de seus teólogos mais avançados, não foi convidada. É como se o Concílio Vaticano II não tivesse aceitado a contribuição de Yves Congar, Karl Rahner, Edward Schillebeeckx, Padre Chenu e outros grandes teólogos europeus. Muita gente queria que lá dentro, estivessem presentes os nossos teólogos de valor: Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Jon Sobrino, Juan Luis Segundo, Juan Carlos Scannone, Segundo Galilea, Carlos Mesters, Ronaldo Muñoz, Enrique Dussel, Raúl Vidales, Ricardo Antoncich e tantos outros. Nenhum destes foi convidado”¹⁵. Entre os bons assessores estava o sociólogo brasileiro Pe. Fernando Bastos de Ávila, amigo pessoal de Dom Helder Camara¹⁶.

Diante da exclusão dos melhores teólogos latino-americanos, o padre diocesano chileno, Sérgio Torres, que conhecia bem a cidade de Puebla e tinha muitos contatos internacionais, tomou a iniciativa de pedir dinheiro a estas organizações, a fim de alugar algumas casas da cidade. A

14 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 61.

15 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 135. O teólogo argentino Juan Carlos Scannone, por exemplo foi “mestre” de Jorge Mario Bergoglio. Quando Bergoglio se tornou papa, Scannone viajou para Roma para colaborar com artigos na revista *La Civiltà Cattolica*, que é um órgão oficioso do Vaticano. Atualmente, vive em Buenos Aires e segue dando conferências e escrevendo livros, como *A Teologia do Povo: raízes teológicas do Papa Francisco*.

16 Ivanir Antonio RAMPON, *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 51-57 e nota de rodapé nº 91.

iniciativa deu bom resultado. Gustavo Gutiérrez, José Comblin, Leonardo Boff, Frei Betto, Frei Gorgulho, entre outros, ficaram reunidos como se estivessem em uma “república de estudantes”¹⁷. O Secretariado Geral, no entanto, proibiu a entrada de pessoas não credenciadas no Seminário de Palafox. O teólogo Camilo Maccise afirmou que “para mim foi uma das experiências eclesiais que não suspeitava que iria viver. Viemos como teólogos um pouco marginalizados”¹⁸.

Para impedir qualquer contato com os teólogos e o povo de Deus, os Bispos foram fechados como em uma fortaleza, guardados pela “Segurança Nacional”. De fato, tinha até guardas na porta do Seminário, com ordens de impedir a entrada dos teólogos dos Bispos¹⁹. Somente Frei Gilberto Gorgulho, teólogo do Cardeal Arns, conseguiu permissão para entrar. Os outros Bispos, então, aproveitaram a sua presença para enviar trabalho aos seus colaboradores. Os teólogos

17 Evanize SYDOW– Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 266.

18 Teófilo CABESTRERO, *Los teólogos de la liberación en Puebla*, p. 137. Pablo Richard comentou que “esta III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, apesar de todas as limitações, manipulações e discriminações, nos mostrou que a nossa Igreja possui a força indestrutível da Esperança” (Teófilo CABESTRERO, *Los teólogos de la liberación en Puebla*, p. 140).

19 Comblin assim descreve a sua experiência: “O seminário estava bem guardado por três círculos de guardas jovens da extrema direita mexicana, bem como por três cercas de pastores alemães impedindo a entrada dos intrusos. A III Conferência do Celam isolou-se segura, como se estivesse em estado de guerra, bem defendida contra os assaltos do comunismo internacional. Nos meios de comunicação multiplicavam-se os apelos para a prudência, uma vez que a cidade estaria infiltrada de comunistas perigosos. Houve desfiles e manifestações contra a presença desses comunistas, que estariam escondidos nas imediações. O secretário-geral advertiu os jornais, as rádios e as televisões para que todos os cidadãos estivessem conscientes dessa ameaça. O papel do secretário-geral era cuidar da segurança dos bispos participantes. A cidade toda parecia encontrar-se em estado de sítio. Quem eram esses comunistas? No meio deles estava eu, naturalmente! Eram entre 40 e 50 teólogos latino-americanos e mais alguns de outros continentes. Todos tidos como muito perigosos” (Pe. José COMBLIN, *Puebla de los Angeles, Vida Pastoral*).

trabalhavam a noite inteira e, no dia seguinte, entregavam suas anotações²⁰. Também os 2.600 jornalistas que queriam relatar o evento ficaram sem saber quase nada.

Entre os teólogos nomeados pela Cúria estava Bartolomeo Sorge, que conheceu Dom Helder em Puebla. Ele mesmo confessa que foi à Puebla a pedido do Venerável Papa João Paulo I e carregava a ideia, em prejuízo próprio, de que o Servo de Deus Dom Helder era um Bispo de tendência marxista e sustentador da Teologia da Libertação. Mas logo se deu conta que era uma pessoa simples e humilde nas relações, com espírito orante e de indiscutível fidelidade ao Evangelho e à Igreja, de um grande amor à pobreza e aos pobres. Acrescenta que se viu defronte de uma das figuras mais significativas da Igreja do século XX. Ele pertenceu ao grupo dos “profetas” que a estação do Concílio suscitou: testemunho corajoso, humilde na liberdade da palavra, fiel ao evangelho, obediente à Igreja, porém incompreendido e visto com suspeita. Hoje, a memória de Dom Helder é uma bênção²¹. Em seu maravilhoso livro, *La Traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, colocará o Servo de Deus Dom Helder Camara e Santo Oscar Romero entre os dez “principais” barqueiros do Vaticano II, ou seja, os verdadeiros protagonistas, chamados por Deus para acompanhar a Igreja na longa e difícil travessia do pré ao pós Concílio, do segundo para o terceiro milênio²².

20 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 268.

21 Bartolomeo SORGE, Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali*, p. 85-89.

22 Bartolomeo SORGE, *La Traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, p. 51. Atualmente o Pe. Sorge é diretor emérito da revista *Aggiornamenti Sociali*. Em 2014 publicou *Gesù sorride. Con papa Francesco oltre la religione della paura*.

3 Puebla – Ponto de Partida: Conclusões de Medellín

A maioria do Episcopado de Puebla era jovem e aberto às orientações de São João Paulo II. No dia 28 de janeiro, o Papa fez a proeza de ler um discurso de abertura que foi interpretado como encorajamento, tanto para conservadores quanto para adeptos da Teologia da Libertação. Ele assumiu os gritos de alerta da secretaria do Celam, mas também insistiu nas responsabilidades sociais da Igreja diante das injustiças:

Nestes dez anos, quanto a humanidade avançou no seu caminhar! E, com a humanidade e a seu serviço, quanto avançou também a Igreja! Esta terceira Conferência não pode ignorar essa realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que têm de positivo, sem ignorar, porém, as interpretações incorretas que às vezes se fizeram e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e tomadas de posição²³.

Após o discurso do Papa, Dom Afonso Trujillo, Secretário Geral do Celam, satisfeito, foi perguntar a opinião de Dom Helder: “Então, o que achou do discurso?”. O Dom, abrindo os braços, respondeu: “Magnífico!”²⁴. O Pe. José Marins, que acompanhou de perto o encontro de Puebla disse-me – via e-mail²⁵ – que depois do discurso de João Paulo II, Dom Helder encontrou-se com o Cardeal Lorscheider. Devem ter conversado sobre a continuidade dos trabalhos...

Alguns Bispos tiveram a impressão de que o discurso de João Paulo II estava tão bem elaborado que apenas bastava assiná-lo e retornar... Outros, porém, acharam que tomar esta atitude seria dar-se um “diploma de incapacidade”. Foi, então,

23 JOÃO PAULO II, “Audácia de profetas e prudência de pastores: discurso do Santo Padre no início dos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 28 de janeiro de 1979”, in João Paulo II, *João Paulo II em Puebla: pronunciamentos do Papa na América Latina*, p. 44.

24 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 70.

25 7.6.2010.

que, no dia seguinte, o Presidente da Assembleia, Cardeal Lorscheider, de modo belíssimo, seguindo o conselho do Papa, abriu caminho, retomando os desafios de Medellín. Era deles que se deveria partir.

O Cardeal Lorscheider, acrescentou que o *Documento de Trabalho* foi previsto como “um instrumento de ajuda à criatividade dos participantes na III Conferência. Não quis o Documento de Trabalho (DT ser uma espécie de documento-base que os Bispos discutissem, propondo emendas. O DT só quis sintetizar principalmente o que os Episcopados haviam trazido. Não é necessário sublinhar que toda síntese é relativa...”²⁶. Assim, o ponto de partida de Puebla foi Medellín, e não o *Documentos de Consulta*, nem o *Documento de Trabalho*. Dom Helder vibrou...

4 Puebla – estruturar a evangelização a partir da opção pelos pobres

Durante a Assembleia, nas comissões de trabalho também aconteceram tensões, pois havia forças que tentavam impedir que se estruturassem a evangelização a partir da opção pelos pobres, ou seja, retomando a perspectiva de Medellín. Diversos Bispos conservadores, por exemplo, se inscreveram na Comissão Construtores da Sociedade para impedir que o pensamento do Cardeal Evaristo Arns ganhasse relevância no texto. De fato, o texto “O rosto de Cristo é o rosto dos pobres” escrito, a pedido do Cardeal, por José Comblin e Frei Gorgulho, foi rejeitado. Dom Cândido Padim, no entanto, que estava em outra Comissão, falou para Dom Paulo: “Dá pra mim o texto que eu ponho na conclusão”²⁷... Tornou-se,

26 Aloísio LORSCHIEDER, “Discurso de Dom Aloísio Lorscheider”, in CELAM, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla, 46.

27 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 268.

posteriormente, um dos textos mais citados de Puebla...

Dom Helder se inscreveu no grupo “Evangelização e promoção humana” no qual ocorreria a discussão sobre a educação libertadora e a Teologia da Libertação. No mesmo grupo estavam Afonso López Trujillo, Luciano Duarte e Gerardo Flores entre outros. Também estava o novo Arcebispo de El Salvador, Oscar Arnulfo Romero.

Após o martírio do Servo de Deus Rútilio Grande (1977), Dom Romero – tido por conservador – cada vez mais foi se colocando corajosamente junto dos oprimidos, denunciando a repressão, a violência do Estado, a exploração e a opressão das elites econômicas, políticas e militares apoiadas pelo imperialismo capitalista dos Estados Unidos. Sua posição pacífica estava provocando a fúria dos grupos acima citados. Em Puebla, Oscar Romero trabalhou junto com o já conhecido internacionalmente Dom Helder Camara, aumentando a sua admiração e a veneração que já tinha pelo Arcebispo brasileiro. Os dois dedicaram-se muito para apresentar a proposta da nova evangelização na América Latina que deveria dar-se a partir da Palavra de Deus, do Magistério da Igreja e das urgências dos pobres. Buscaram “aprofundar Medellín em Puebla”. A presença e o testemunho de ambos foram sumamente importantes para garantir a continuidade da autêntica tradição espiritual da Igreja na América Latina²⁸. Dom Helder, homem que cultivava amizades espirituais, logo estreitou a sua amizade com Santo Óscar Romero.

Dom Helder e Dom Trujillo foram encarregados de redigir um texto a ser discutido e aprovado pelo grupo. Coube ao Dom Helder fazer a primeira elaboração. Ele contou com a ajuda de Dom Cândido Padim, Dom Aloísio, Santo Oscar Romero... Por algum motivo insondável, o Arcebispo colombiano, que

28 Ivanir Antonio RAMPON, Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco da Igreja pelos pobres. Entrevista com Ivanir Antonio Rampon, *IHU*, 14.3.2018.

também havia preparado um texto, aprovou o de Dom Helder na íntegra. O Arcebispo de Olinda e Recife ficou desconfiado com a flexibilidade do Secretário do Celam, mas lembrou-se de uma frase dita por um amigo na última viagem a Roma: “Eu sei que, em Puebla, você vai vencer...”. Utilizando de sua inteligência e capacidade de articulador, o Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida, convidado a participar da discussão, sugeriu que os textos fossem fundidos... Frei Betto escreveu no *Diario di Puebla*, dia 6 de fevereiro:

Estive com Dom Helder Camara que, amanhã, completa 70 anos bem vividos. Como sempre, ele é um dos Bispos mais procurados pelos jornalistas. Está preocupado com o texto final sobre a Teologia da Libertação e, por incrível que possa parecer, estava redigindo um esboço sobre o argumento junto com Dom López Trujillo. Também neste ponto a Teologia confirma a Ciência: as paralelas se encontram no infinito...²⁹.

O resultado final é, que o texto do grupo, não trouxe prejuízos para as teses fundamentais defendidas pelos progressistas, confirmando e ampliando a Teologia da Libertação e a educação libertadora³⁰. Portanto, em Puebla, Dom Helder, novamente, foi decisivo quando se tratou de formular a doutrina da libertação³¹.

O “incidente de 1º de fevereiro” foi providencial, pois ajudou a compreender os motivos das tensões e modificou os rumos dos debates. O “incidente” teria sido assim: o Jornal mexicano *Uno más Uno* publicou “orientações” do Secretário da Conferência López Trujillo ao seu amigo, Dom Luciano Duarte, Arcebispo de Aracaju. O jornalista tinha recebido uma fita cassete de Trujillo, para gravar uma entrevista com o Arcebispo colombiano. Ao voltar para o México descobriu que

29 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 124-125.

30 Nelson PILETTI – Walter PRAXEDES, *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*, p. 433-434.

no outro lado continha várias respostas do Secretário do Celam às perguntas feitas pelo seu amigo brasileiro. As respostas chocavam pela linguagem utilizada, pela referência a várias pessoas importantes na Igreja da América Latina e pela revelação de estratégias contra os progressistas. Durante vários dias, López Trujillo não apareceu em público. Ficou no seu quarto. Perdeu a liderança da Assembleia e seu prestígio foi ameaçado³².

A divulgação das respostas de Trujillo a Dom Duarte não deixou de ser visto como um acontecimento providencial³³: contribuiu para que nenhuma tendência da Teologia da Libertação fosse condenada e as CEBs até receberam novos incentivos. O acontecimento também confirmou que uma das causas principais de tamanha tensão estava no modo como o Secretário Geral se comportava.

O teólogo João Batista Libanio afirma que a preparação de Puebla tinha sido carregada, por motivos ideológicos e psicológicos, de tensões e polarizações: “Uma de suas causas de não pouca monta era precisamente a maneira como a Secretaria Geral se comportava, com ostensiva parcialidade, que tinha ficado patente na escolha dos peritos e convidados, com nítida exclusão de toda uma linha teológica”³³. A pessoa ilustre de

31 José COMBLIN, “Dom Helder e novo modelo episcopal no Vaticano II”, in Maria Bernarda POTRICK, *Dom Helder, pastor e profeta*, p. 30-32.

32 Evanize SYDOW – Marilda FERRI, Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido, p. 266.

33 João Batista LIBANIO, “Apresentação”, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 57. Segundo Dom Trujillo, o Celam fez grandes esforços para dialogar com os Teólogos da Libertação. Eles, no entanto, não participaram da Conferência na qualidade de *especialistas* ou *convidados*, porque não foram apresentados anteriormente pelas Conferências. A grande maioria dos Bispos tomava distância destes teólogos. Mesmo assim, eles tentaram fazer pressão em Puebla, mas não tiveram êxito: “Os textos claros sobre a Teologia da Libertação foram escritos, como se sabe publicamente, por dom Hélder Câmara e por mim. Falo dos pontos 480-490 do documento final. E

Puebla não foi o Arcebispo de Medellín, como era esperado, mas o Servo de Deus Dom Luciano Mendes de Almeida, por seu imenso prestígio, ética, humildade capaz de desarmar preconceitos e talento de articulador. Assim, a grande ofensiva contra Medellín foi sendo desfeita³⁴.

5 Puebla – denuncia o pecado social e defende os direitos do povo

Durante o evento, Dom Helder era um dos Bispos mais requisitados pelos jornalistas a fim de conceder entrevistas e contar o que se passava dentro daquele Seminário, totalmente cercado pelas forças nacionais de segurança. No dia 30 de janeiro, ele falou a Frei Betto: “A história é implacável. Deus nos pedirá contas. Aqueles que pensam que estamos agindo com muita pressa para mudar as estruturas do Continente, recorde que a América Latina espera isto há quatro séculos e meio”³⁵.

Durante a Conferência, Dom Helder completou 70 anos recebendo, por este motivo, grandes atenções de Bispos e jornalistas. Conseguiu comunicar-se, inclusive, com teólogos

receberam a total aprovação da Conferência. Neste texto não se condena uma teologia da libertação cristã autêntica e genuína. Ao contrário. Mas reprova-se sem meios termos todo desvio ideológico no sentido marxista” (Há 25 anos a primeira das 102 viagens ao exterior de João Paulo II: Primeira parada, Puebla. Entrevista com Dom López Trojillo, *30Giorni* (2004/1) [acesso 9.6.2010]).

34 Mesmo assim continuaram ocorrendo estratégias: uma notícia inusitada foi divulgada no dia 3 de fevereiro. O jornal mexicano *Excelsior* informou que o Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter havia dado ordem para intensificar a vigilância nos movimentos de religiosos e de leigos liberais da Igreja Católica na América Latina. A CIA não poderia permitir no Continente o que acontecera no Irã com o *ayatollah* Khomeini. Carter disse que era preciso conhecer as guerrilhas católicas da América Latina que agora não tinham mais apoio de Moscou, mas de Roma (C.A.L. CHRISTO, *Diario di Puebla*, 110). Nestes dias também, o jornal *Voz de Puebla* conduziu uma batalha contra os teólogos da libertação, atribuído a estes, coisas que não disseram. Com isto, visava assustar os Bispos...

35 Helder CAMARA, in Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 87.

como Pe. José Comblin, Frei Leonardo Boff, Frei Clodovis Boff, Frei Gilberto Gorgulho, etc. No dia 8, disse: “Estou recebendo ajuda dos teólogos que eu entendo bem. E não escondo. É nosso direito contar com colaborações. Sem isto, eu não terei capacidade de votar na assembléia”³⁶. Nas madrugadas, durante as suas vigílias de Puebla, ele rezava pelos teólogos que foram impedidos de entrar no Seminário de Palafox: “Tenho passado a noite dando graças a Deus pela presença aqui em Puebla, fora do Seminário, de nossos teólogos: pela luz que eles nos trazem, pelo espírito evangélico que vivem, pela presença deles e pelo que significam. Não me canso de dar graças a Deus por eles”³⁷.

Diante de tanta tensão em que Puebla esteve envolta, Dom Helder reconheceu, no dia 8 de fevereiro, que o Documento não seria aquilo que se esperava:

A experiência que tenho de assembléias internacionais é sempre a mesma. Quando se inicia o confronto, a primeira impressão é horrível. Ainda não estamos prontos para o diálogo. No entanto, é importante a troca de idéias. Há irmãos que não possuem a mesma nossa visão. Não que nós somos mais santos, é questão de se deixar abrir à realidade. Não digo que, daqui, sairá um documento que queremos. Mas, ao final, teremos feito o caminho³⁸.

Perguntado sobre o medo de alguns Bispos de que a Igreja se meta em “política”, respondeu:

Quando vivíamos vinculados com os governos e os potentes, ninguém dizia que fazíamos política, mas sim quando a situação da América Latina se agravou, e vimos que era impossível continuar a sustentar a velha ordem social. A partir de então somos mal-vistos. Em todo o caso, temos a obrigação de nos preocupar com a situação em que se acha o nosso povo³⁹.

36 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 142.

37 Teófilo CABESTRETO, *Los teólogos de la liberación em Puebla*, p. 8.

38 Carlos Alberto Libanio CHRISTO, *Diario di Puebla*, p. 141.

39 *Ibidem*, 142.

No dia 13 de fevereiro, apesar de tanta tensão, o texto de Puebla foi aprovado por 178 votos a favor e um contra. O mesmo foi estruturado em torno da opção pelos pobres e dividido em cinco partes: I- Visão pastoral da realidade da América Latina; II- Desígnio de Deus para a América Latina; III- A evangelização da América Latina: comunhão e participação; IV- A Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina, e; V- Opções Pastorais.

Medellín foi o primeiro marco referencial para Puebla e “não se pode pretender ir buscar em Puebla uma porção de novidades – há algumas (...) –, pois ela é antes a confirmação atualizada de Medellín”. A segunda referência é a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI: Puebla procurou fazer uma leitura latino-americana da Encíclica. A terceira referência é a realidade social em que o povo de Deus vive no continente. A quarta é a experiência pastoral da Igreja depois de Medellín: “a primeira colheita de Medellín”⁴⁰.

A parte mais importante de Puebla é a IV. Além da opção pelos pobres e pelos jovens, trata dos direitos fundamentais do ser humano: os direitos individuais, sociais, emergentes e alguns internacionais. Afirma que a evangelização precisa ser feita em comunhão e participação para que o ser humano se realize como imagem e semelhança de Deus. O modelo de ação evangelizadora para Puebla são as Comunidades Eclesiais de Base e as palavras chaves foram “comunhão e participação” em busca da libertação sob o signo da dignidade humana fundamental⁴¹.

Puebla identificou o pecado estrutural que se manifesta na injustiça e na opressão contra a maioria-pobre e o chama de pecado social. Para a Bíblia e para a Igreja, a coexistência de

40 Segundo GALILEA, *A mensagem de Puebla*, p. 28-32.

41 Aloísio LORSCHIEDER, “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in DOCUMENTOS DO CELAM, 7-13.

ricos e pobres não é uma situação natural, mas fruto do pecado. É a quebra da comunhão com Deus, com os semelhantes e com a natureza⁴². Tal ruptura é sustentada por estruturas econômicas, sociais e políticas que favorecem que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres⁴³.

Com esta visão, Puebla pôde afirmar: “os pobres merecem uma atenção preferencial, qualquer que seja a situação moral ou pessoal em que se encontram”⁴⁴. Esta é uma concepção libertadora, pois uma visão religiosa intimista de pecado pode oprimir ainda mais quem já é tão oprimido econômico-socialmente, através da privação, das frustrações, das humilhações⁴⁵. A Igreja reconhece que nos pobres, o Senhor a interpela e questiona “com suas feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições de Cristo, o Senhor”⁴⁶.

6 Puebla explicita o rosto dos pobres e valoriza a cultura dos povos latino-americanos

O Documento de Puebla explicita os rostos de crianças golpeadas pela pobreza antes de nascer; de jovens desorientados que não encontram lugar na sociedade por falta de oportunidades; rostos indígenas e afro-americanos que vivem marginalizados em situações desumanas, considerados os mais pobres entre os pobres; rostos de camponeses que são relegados

42 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 10, 28, 70, 73, 92, 186, 281, 328, 487, 517 entre outros.

43 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 1141-1142; Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, 207.

44 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 1142.

45 Ronaldo MUÑOZ, *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*, p. 56.

46 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, nº 31-39. No mesmo sentido, os números 26, 29, 45, 50, 571, 1135 com sua nota, 1159-1161, 1176, 1207, 1260...

e explorados; rostos de operários com frequência mal remunerados e com dificuldades de se organizarem para defenderem seus direitos; rostos de desempregados por causa do modelo de desenvolvimento que submete os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; rostos de trabalhadores urbanos marginalizados que sofrem duplo impacto: carências próprias e ostentações da riqueza de outros setores sociais; rostos de anciãos marginalizados porque já não produzem.

Por isso, os Bispos conclamam todos a se converterem à Causa dos Pobres, ou seja, à luta solidária dos pobres que defendem seus valores e a conquista de seus direitos. Eles não têm somente necessidades, mas também direitos. É preciso defender o direito fundamental dos pobres de criar suas próprias organizações, promover seus interesses e contribuir para o bem comum,⁴⁷ respeitando a cultura e a piedade popular. Nas feições dos povos da América Latina, com suas culturas, encarna-se o povo de Deus. Que os povos latino-americanos sejam protagonistas da sociedade nova, imprimindo humanidade. Que eles sejam evangelizadores! Atenção especial merecem os jovens – com seus rostos latino-americanos – pois há uma ligação especial entre pobres, jovens e Igreja.

Puebla insiste na relação evangelização, educação e cultura. A cultura revela o estilo de vida que a sociedade possui, sua forma peculiar de se relacionar entre si, com as criaturas e com Deus. Abrange a totalidade da vida do povo. A evangelização precisa alcançar a raiz da cultura, seus valores fundamentais, despertando a conversão diante dos contravalores a fim de que possa ser a base e garantia das transformações sociais⁴⁸.

47 JOÃO PAULO II, “Alocução Operários Monterrey”, 3, *AAS LXXI* (1979) 242; JOÃO PAULO II, in CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, n° 1163.

48 CELAM, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, 385-393.

Segundo o teólogo Juan Carlos Scannone, o Papa Francisco bebe fortemente desta intuição de Puebla, ou seja, que a Teologia deve ser feita a partir da fé do povo, dos rostos do povo, da sua religiosidade e suas organizações. Por isso, Francisco estabelece diálogo com sindicatos, movimentos populares e outras organizações a fim de favorecer uma maior justiça social, além de buscar acordos sobre políticas públicas em prol do bem comum. Em seu pontificado, não passa despercebida a valorização da piedade e da espiritualidade popular, especialmente a devoção mariana⁴⁹. Francisco bebe profundamente do magistério da Igreja na América Latina, e de Puebla, com intensidade da noção de “cultura dos povos”⁵⁰. Dom Helder, em Puebla, colaborou na elaboração de textos em que se valoriza a cultura popular e se deseja revitalizá-la, incentivando os valores cristãos da cultura latino-americana.

Dom Helder, em suas vigílias, contemplava a face de Cristo, sofredor e ressuscitado nos rostos dos pobres. Numa das Meditações do Pe. José, escreveu: “Mais que comum dos dias, olhei o mais que pude os rostos dos pobres, gastos pela fome, esmagados pelas humilhações, e neles descobri teu rosto, Cristo Ressuscitado!”⁵¹. Da mesma forma, em suas pregações, buscava sempre apresentar o verdadeiro rosto de Jesus Cristo.

49 Juan Carlos SCANNONE, O Papa Francisco e a Teologia do Povo. Entrevista especial com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 16.5.2015; Juan Carlos SCANNONE, A teologia de Francisco. Entrevista com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 27.3.2013.

50 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 115-118; 122-126.

51 Helder CÂMARA, “La presenza della Chiesa nello sviluppo dei popoli”, in *Idoc*, Due Miliardi di affamati. Helder Câmara, Arcevescovo di Olinda e Recife, Lebret, Gonzalez-Ruzi e altri denunciano la colpevole inerzia del mondo “civile” nei confronti dei paesi sottosviluppati, 44; Helder Camara, “Presenza della Chiesa nello sviluppo dell’America Latina”, in Helder CÂMARA, *Terzo mondo defraudato*, p. 103-104.

Considerações finais – dois depoimentos e quatro lições espirituais

Nestas considerações finais queremos trazer dois testemunhos expressivos sobre o Dom dos Pobres em Puebla. O **primeiro depoimento é do teólogo Bartolomeu Sorge**. Ele destaca dois aspectos que lhe chamaram a atenção em Dom Helder durante a Assembleia de Puebla: a reflexão teológica sobre a libertação e a paixão pelos pobres e por uma Igreja pobre. As ideias de Dom Hélder sobre a libertação aparecem no Documento Final de Puebla e este não condena nenhuma corrente da Teologia da Libertação e nenhum teólogo. O juízo equilibrado e o tom positivo com o qual a matéria é tratada corresponde ao estilo pastoral de Dom Hélder⁵². Estas paixões helderianas são paixões do Papa Francisco:

desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles⁵³.

O segundo depoimento é do Bispo Emérito de Vacaria, Dom Orlando Dotti que, em Puebla, participou da Comissão Opção Pelos Pobres. Relatando a sua participação, confidenciou ao Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, que o Dom da Paz lhe pediu para que falasse e escrevesse contra o armamentismo. Dom Orlando, então

52 BARTOLOMEO SORGE, Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali, Hélder Câmara: un profeta del nostro tempo*, p. 86-87.

53 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 198, o grifo é nosso; Ivanir Antonio RAMPON, *Francisco e Helder – sintonia espiritual*, p. 47-48.

apresentou um texto sobre a temática⁵⁴. Como sabemos, o Documento de Puebla pede a promoção do desarmamento. E vai mais longe ainda: solicita que o dinheiro a ser utilizado em armas e novas tecnologia bélicas, fosse investido socialmente, garantindo o acesso imediato e livre dos mais fracos ao próprio desenvolvimento integral⁵⁵. Neste sentido, o Papa Francisco entende que:

Estar ao serviço do diálogo e da paz significa também estar verdadeiramente determinado a reduzir e, a longo prazo, pôr termo a tantos conflitos armados em todo o mundo. Aqui devemos interrogar-nos: Por que motivo se vendem armas letais àqueles que têm em mente infligir sofrimentos inexprimíveis a indivíduos e sociedade? Infelizmente a resposta, como todos sabemos, é apenas esta: por dinheiro; dinheiro que está impregnado de sangue, e muitas vezes sangue inocente. Perante este silêncio vergonhoso e culpável, é nosso dever enfrentar o problema e deter o comércio de armas⁵⁶.

Entres as muitas lições espirituais que nos vem de Dom Helder e do “evento Puebla”, destacamos:

1) Viver a comunhão e a participação em busca da libertação: Formamos uma comunidade de discípulos-missionários de Jesus Cristo. Somos todos aprendizes de Jesus e ao mesmo tempo responsáveis pela evangelização. Não podemos ser autorreferentes, nem agressivos e arrogantes. A doutrina não sou eu ou as minhas ideias (quem sabe, retrógradas) ... A fé cristã é, essencialmente, comunitária. Dom Helder e o Documento de Puebla nos ensinam a importância do respeito, do diálogo, de “sentir com a Igreja”.

54 Dom Orlando DOTTI, Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, 10.12.2018.

55 CELAM, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla, 1267, 1281-1282.

56 FRANCISCO, Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América – Discurso do Santo Padre, 24.9.2015.

Dom Helder viveu a colegialidade com os colegas Bispos do Regional, da CNBB, do Celam, com os Bispos do mundo inteiro, com o santo Padre. Completava a colegialidade com os Padres Diocesanos, com os Religiosos e Religiosas, com as lideranças do laicato e com as comunidades, buscando a fraternidade total e, em clima de responsabilidade, confiança, diálogo adulto, tendo em vista o serviço libertador⁵⁷. Da sua dedicação à colegialidade nasceu a CNBB, o Celam. Na conferência de Puebla, diante dos conflitos e tensões, sobre ser o “Dom da Comunhão”.

2) Viver a “espiritualidade da cruz”: A espiritualidade do seguimento a Jesus Cristo tem a marca da cruz. A cruz vem dos conflitos e tensões que as opções e renúncias por causa do Reino de Deus e sua justiça provocam... Um cristianismo sem cruz é incompleto. Um cristianismo sem cruz é gnóstico e mundano. A cruz, neste sentido, é falência, mas uma falência que revela a vitória de quem persevera na Causa do Reino de Deus... É a falência de quem não quis a vitória dos triunfalismos mundanos, dos triunfalismos prometidos pelos ídolos. Paradoxalmente, a cruz é uma falência vitoriosa!

Neste sentido, podemos dizer, que Jesus não foi vitorioso somente na ressurreição, mas também na cruz, pois esta revela a máxima fidelidade ao Pai e ao Reino de Deus... Precisamos tomar a cruz do jeito de Jesus. Nas tensões, cuidar para não perder a ternura, a misericórdia, a largueza de compreensão e o foco na Causa dos Pobres. Isto pressupõe muita unidade com Cristo, momentos intensos de oração, cultivo da vida interior, boas amizades espirituais, sabendo que o “o tempo é superior ao espaço”, a “unidade prevalece sobre o conflito”, “a realidade é mais importante do que a ideia” e o todo é superior à parte⁵⁸. No dizer do “Dom da Fidelidade”,

57 Helder CAMARA, “Tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife”, in Helder CÂMARA, *Utopias peregrinas*, p. 25-26; Ivanir Antonio RAMPON, *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*, p. 145-154; 224-228.

58 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 222-237.

Quem escuta a voz de Deus e faz sua opção interior e arranca-se e parte para lutar pacificamente por um mundo mais justo e mais humano, não pense que vai encontrar caminho fácil, pétalas de rosas debaixo dos pés, multidões à escuta, aplausos por toda a parte e, permanentemente, como proteção decisiva, a Mão de Deus. (...) prepara-se para enfrentar desertos. Os grandes e poderosos desaparecem, cortam toda e qualquer ajuda, passam represálias. Não raro financiam campanhas, que se tornaram tanto mais rudes, difamadoras e caluniosas quanto mais sentirem perigo à vista⁵⁹.

3) Retomar e atualizar Medellín: depois de Medellín podemos falar legitimamente de uma Igreja na América Latina⁶⁰. Antes havia extensões da Igreja europeia, em parte ligada à “ordem” colonial. Por isso, aceitou-se a escravidão de africanos e de índios e, ao mesmo tempo, a construção de igrejas e capelas grandes e ricas, com dinheiro oferecidos pelos donos de escravos... Mas em Medellín, a Igreja faz a opção pelos pobres em vista da libertação. Puebla retoma e atualiza Medellín. Porém, após Puebla, autoridades que atuaram na direção do Celam (e na Cúria Romana) conseguiram “desarticular toda a concepção teórica e a realização prática do modelo de Puebla sem, no entanto, alcançar outro modelo. Deixou a Igreja com discursos vazios e numa imobilidade impressionante”⁶¹. A Conferência de Santo Domingo, não encontrou eco imediato nas igrejas do continente e “permanece como que apêndice na vida da Igreja latino-americana, não tendo a influência eclesial desempenhada pelas duas conferências antecedentes”⁶².

O Documento de Aparecida insiste em afirmar que é “continuidade de Medellín e Puebla” e, talvez esta insistência é uma discreta expressão de arrependimento... Fato inegável é

59 Helder CÂMARA, *O deserto é fértil*, p. 31.

60 Segundo GALILEA, *A mensagem de Puebla*, p. 15-16.

61 Pe. José COMBLIN, Puebla de los Angeles, *Vida Pastoral*, n° 249, p. 13.

62 Pe. Antonio MANZATTO. As primeiras conferências do Celam, *Vida Pastoral*.

que anos anteriores à Aparecida, a influência Medellín-Puebla tinha diminuído. Havia, inclusive, sacerdotes afirmando que Medellín estava superado e não servia mais. Por isso, de acordo com Comblin⁶³, convém destacar esta forte insistência de Aparecida. O Documento frisa, entre outros aspectos, a opção pelos pobres e pelas as comunidades eclesiais de base⁶⁴. O Papa Francisco, por sua vez, retoma e atualiza o Magistério da Igreja na América Latina para toda a Igreja Católica.

4) Estruturar a Evangelização a partir dos pobres: Jesus optou pelos pobres. E quem segue Jesus também opta pelos pobres. A opção pelos pobres é uma questão de fé: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza⁶⁵. Por isso, há “que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!”⁶⁶. Nossa “opção de cristãos deve levar-nos sempre mais a uma clara opção pelos pobres”⁶⁷, e consequentemente denunciar aquilo que Puebla chama de “pecado social”, assumindo, “a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício”⁶⁸.

63 Pe. José COMBLIN, O projeto Aparecida, *Vida Pastoral* 258 (2008) p. 3-10.

64 CELAM, *Documento de Aparecida*, 391-399; 1168-1179.

65 BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI, 13.5.2007.

66 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 41.

67 Helder CÂMARA, Um olhar sobre a cidade, p. 16.

68 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 191; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, Introdução, 2.

Jesus enviou seus discípulos para que fossem a todos os povos e anunciassem o Evangelho, mas sempre a partir da ótica dos pobres. E assim fez a Igreja ao longo da história. As mais belas páginas da história da espiritualidade cristã, de fato, estão relacionadas à opção pelos pobres. Depois de Medellín, passando por Puebla, a Igreja cresceu na consciência de que a sua missão está ligada à opção pelos pobres, pelos excluídos, pelos descartados da história, pelas periferias sociais e existenciais:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer”⁶⁹.

Em Puebla, portanto, a presença e o testemunho de Dom Helder foi sumamente importante para garantir a continuidade da autêntica tradição espiritual da Igreja na América Latina⁷⁰. Se Dom Helder estivesse peregrinando neste mundo certamente atualizaria Puebla do jeito que Francisco vem fazendo – nos

69 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 49.

70 RAMPON, Ivanir Antonio. Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”. Entrevista especial com Ivanir Rampon, *IHU*, 8.9.2013.

convocando para espalhar a alegria do evangelho, a estruturar a evangelização e a missão a partir da opção pelos pobres, a cuidar da nossa casa comum, a viver a alegria do amor nas famílias e entre os povos, a promover a cultura do encontro, a *misericordiar* diante das misérias, a fazer acontecer a revolução da ternura...

Bibliografia

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI, 13.5.2007, http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html

CABESTREIRO, Teófilo. *Los teólogos de la liberación en Puebla*, Madrid: PPC Editorail, 1979.

CALIMANN, Cleto. “A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos 20 anos”, in ESTUDOS DA CNBB n° 45, *Leigos e participação na Igreja*, p. 17-35, São Paulo, 1986.

CÂMARA, Dom Helder, “Discurso de tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife”, in CÂMARA, Dom Helder. *Utopias peregrinas*, Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 15-28, 1993.

CÂMARA, Dom Helder. *O deserto é fértil. Roteiro para as Minorias Abraâmicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CÂMARA, Helder. “A Igreja na América Latina: Hoje”, in CÂMARA, Helder. *Utopias peregrinas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, p. 79-89, 1993.

CÂMARA, Helder. “La presenza della Chiesa nello sviluppo dei popoli”, in IDOC. *Due Miliardi di affamati. Helder Câmara, Arcevescovo di Olinda e Recife, Le Bret, Gonzalez-Ruzi e altri denunciano la colpevole inerzia del mondo “civile” nei confronti dei paesi sottosviluppati*. Verona: Arnoldo Mondadori Editore, p. 41-59, 1968.

CÂMARA, Helder. “Presenza della Chiesa nello sviluppo dell’America Latina”, in CÂMARA, Helder. *Terzo mondo defraudato*. Milano: Edizioni PIME, 1970.

CÂMARA, Helder. *Um olhar sobre a cidade: olhar atento, de esperança, de prece...* São Paulo: Paulinas, 1995.

CELAM. A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, 1979.

CELAM. A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1980.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília/São Paulo: Edições da CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CELAM. *Documento de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CELAM. *Documento de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. *Documento de Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CHRISTO, Carlos Alberto Libanio. *Diario di Puebla*. Brescia: Queriniana, 1979.

CNBB. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome: "alimento, Dom de Deus, direito de todos"*. São Paulo: Paulinas, n° 69, 2002.

COMBLIN, José. "Dom Helder e o novo modelo episcopal no Vaticano II", in POTRICK, Maria Bernarda et all. *Dom Helder, pastor e profeta*. São Paulo: Ed. Paulinas, p. 23-42; 19832.

COMBLIN, José. Os Santos Pais da América Latina, *Concilium* 333 (2009) 619-630.

COMBLIN, Pe. José. O projeto Aparecida, *Vida Pastoral*. São Paulo, n° 258, p. 3-10, jan-fev 2008.

COMBLIN, Pe. José. Puebla de los Angeles (27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979), *Vida pastoral*. São Paulo: Paulus, n° 249, p. 9-13, jul-ago 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium, in Documentos do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

DOTTI, Dom Orlando. Conversa com o Grupo de Espiritualidade e Estudos Re-Vivendo Dom Helder Camara, Vacaria, 10.12.2018.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO. Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América – Discurso do Santo Padre, 24.9.2015, http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html

GALILEA, Segundo. *A mensagem de Puebla*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

Há 25 anos a primeira das 102 viagens ao exterior de João Paulo II: Primeira parada, Puebla, *30Giorni* (2004) 1, http://www.30giorni.it/br/articolo_stamp_a.asp?id=2836 (acesso 09.06.2010). Entrevista com Dom López Trujillo.

JOÃO PAULO II. “Audácia de profetas e prudência evangélica de pastores: discurso do Santo Padre no início dos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 28 de janeiro de 1979”, in JOÃO PAULO II. *João Paulo II em Puebla: Pronunciamentos do Papa na América Latina*. São Paulo: Paulinas, p. 43-70, 1979.

JOÃO PAULO II. *João Paulo II em Puebla: Pronunciamentos do Papa na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

LIBANIO, João Batista. “Apresentação”, in CELAM. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, p 55-79, 1979.

LORSCHIEDER, Cardeal Aloísio. “Conferências-Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Subsídio preparatório à V Conferência do Episcopado Latino-americano”, in DOCUMENTOS DO CELAM. Série Documentos da Igreja – vol 8, São Paulo, 2004 = *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, n° 252, p. 3-5, jan-fev 2007.

LORSCHIEDER, Dom Aloísio. “Discurso de Dom Aloísio Lorscheider”, in CELAM. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões: Puebla. São Paulo: Loyola, p. 45-50, 1979.

MANZATTO, Pe. Antonio. As primeiras conferências do CELAM, *Vida Pastoral*, jul-agos 2006, <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>

MARINS, Pe. José. Informações sobre Dom Helder Camara em Puebla. Via e-mail, 7.6.2010.

MUÑOZ, Ronaldo. *La Iglesia en el pueblo: hacia una eclesiología latinoamericana*. Santiago: Cep, 1982.

PILETTI, Nelson – PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

RAMPON, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara – exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.

RAMPON, Ivanir Antonio. Canonização de Paulo VI e Romero e a sintonia com o projeto de Francisco da Igreja pelos pobres. Entrevista com Ivanir Antonio Rampon, *IHU*, 14.3.2018, <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576883-canonizacao-de-paulo-vi-e-romero-e-a-sintonia-com-o-projeto-de-francisco-da-igreja-pelos-pobres-entrevista-com-ivanir-antonio-rampon>

RAMPON, Ivanir Antonio. Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”. Entrevista especial com Ivanir Rampon, *IHU*, 8.9.2013, <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/523294-dom-helder-camara-a-sintese-da-melhor-tradicao-espiritual-da-america-latina-entrevista-especial-com-ivanir-rampon>

RAMPON, Ivanir Antonio. *Francisco e Helder – Sintonia Espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAMPON, Ivanir Antonio. São Paulo VI: breve biografia do Papa que tinha particular sensibilidade para com o América Latina, *Bertheriano*. Passo Fundo, ano 41, n° 120, p. 22-24, set-dez 2018.

SCANNONE, Juan Carlos, A teologia de Francisco. Entrevista com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 27.3.2013, <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/520470-a-teologia-de-francisco-entrevista-com-juan-carlos-scannone>

SCANNONE, Juan Carlos. *La teologia del pueblo: Raíces teológicas del papa Francisco*. Bilbao: Editorial Sal Terrae, 2017.

SCANNONE, Juan Carlos. O Papa Francisco e a Teologia do Povo. Entrevista especial com Juan Carlos Scannone, *IHU*, 16.5.2015, <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/542642-o-papa-francisco-e-a-teologia-do-povo-entrevista-especial-com-juan-carlos-scannone>

SORGE, Bartolomeo. *Gesù sorride. Con papa Francesco oltre la religione della paura*. Milano, Piemme, 2014.

SORGE, Bartolomeo. *La traversata: La Chiesa dal Concilio Vaticano II a oggi*, Milano: Mondadori, 2010.

SORGE, Bartolomeu. Hélder Câmara: il sogno di una Chiesa “povera e serva”, *Aggiornamenti Sociali. Hélder Câmara: un profeta del nostro tempo*. Anno 60, 02, febbraio, 2009.

SYDOW, Evanize e FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns: um homem amado e perseguido*. Petrópolis: Vozes, 1999.